

Economia - Brasil

Retomada sim, mas gradual

Não existe motivo para soltar rojões neste período junino além daqueles que a tradição não dispensa, mas há sinais bastante nítidos de uma progressiva reativação da economia. Têm razão os técnicos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) quando observam que o ritmo mais intenso de atividade, apontado pelos indicadores em março e abril, deveu-se, basicamente, à circunstância de que no mesmo período do ano passado houve um desaquescimento acentuado, induzindo a uma distorção estatística. Contudo, o IPEA parece enganar-se em suas projeções quanto à continuidade de uma severa retração industrial em junho.

De fato, como mostra um levantamento realizado por este jornal, um grande número de fábricas vem operando, neste início de junho, com 80% de sua capacidade, em média, o que demonstra uma reação nada desprezível. Há fatores objetivos que o explicam. Em primeiro lugar, está o movimento exportador que se vem intensificando a cada mês graças à política de manter alinhada a taxa de câmbio. O próprio IPEA, por sinal, estima que as exportações totais alcancem US\$ 35,4 bilhões

ao fim deste ano, um crescimento de 12,5% em relação ao ano passado. Com base no volume de fechamentos de câmbio nas últimas semanas, há mesmo quem considere essa meta pouco ambiciosa.

Isso tem evitado uma deterioração ainda maior no nível de emprego e, pelos efeitos combinados da trégua de preços e de adiantamentos salariais, há uma recuperação, embora ainda tímida, do poder de compra dos assalariados. Convém assinalar, a propósito, que a indústria já se sente encorajada a fazer novas contratações, prevendo a Associação Brasileira da Indústria de Calçados (Abicalçados) a reincorporação de 50 mil trabalhadores a esse setor a partir de julho. Também na agricultura, o ambiente mostra-se mais propício aos negócios, como comprova a elevação de 40% nas vendas de fertilizantes no primeiro quadrimestre deste ano em comparação com idêntico período de 1990.

Um fator psicológico tem sido decisivo para o estímulo às atividades produtivas. Tanto industriais como agricultores mencionam a circunstância de o País não estar mais dominado pela ansiedade quanto à edição de novos "pacotes" ou mudanças súbitas das regras do jogo. Há indiscutivelmente mais tranquilidade para trabalhar e — o que é mais importante — para planejar.

Há sempre apreensões de que, com o aquecimento da demanda, a inflação volte a ser pressionada, obrigando o governo a tomar medidas mais restritivas. Se esse risco existe, não se pode dizer que a situação ameace escapar ao controle das autoridades monetárias. Se bem que tenha sido favorecida pela queda dos preços dos hortigranjeiros, a inflação em maio, tomando por base o índice da FIPE, deve ficar em torno de 6%. Os últimos reajustes autorizados pelas câmaras setoriais, que vêm funcionando a contento sob a coordenação da

secretária de Economia, Dorothea Werneck, devem pesar no mês de junho, mas não se prevê que a inflação se instale na casa dos dois dígitos neste mês.

Tudo parece indicar que a economia poderá sair do congelamento sem que a inflação exploda, mantidos os controles monetários e fiscais.

A propósito, noticia-se que o Tesouro Nacional acusou, em maio, um superávit de caixa de Cr\$ 10,9 bilhões. E, como asseguram os técnicos do governo, trata-se de um resultado genuíno, produzido pelo aumento da arrecadação e redução das despesas e não engordado pela retenção de desembolsos ou por receitas não tipicamente fiscais.

Seria arriscado dizer que o País já se encontra a caminho da retomada do desenvolvimento, sem os constrangimentos impostos pela inflação. Contudo, sem pessimismo, é possível acreditar que, com a colaboração da sociedade e, em particular, do setor empresarial, a economia possa gradualmente crescer de ora em diante de forma consistente. Seria realmente lamentável se a evolução recente vier a ser tida como um espasmo.